

Rúbia Cristina Martins Gonçalves*

História Oral: Uma opção metodológica.

RESUMO: Os trabalhos com fontes orais aumentam consideravelmente no Brasil, principalmente na comunidade acadêmica. No entanto, existe a imprecisão quanto ao uso da metodologia da história oral. Este artigo é uma construção do conhecimento sobre esse método, seu alcance e novidade. A partir dos textos lidos e das experiências socializadas nos trabalhos produzidos, a história oral surge como um caminho para a mudança nas relações entre entrevistador e entrevistado, apresentando uma versão riquíssima da história narrada pelos colaboradores, pessoas comuns, valorizadas como sujeitos históricos. A transformação do pesquisador e colaborador são inevitáveis.

Palavras-chave:

História Oral; Método;
Subjetividade.

Ao ingressar no Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade fui motivada a participar dos grupos de pesquisas que seguem as linhas de investigação do mestrado. Inquieta quanto a minha opção metodológica, resolvi participar do grupo de pesquisa, *Oralidade, Cultura e Sociedade*, coordenado pelo professor Gisafran Nazareno Mota Jucá. Iniciado esse percurso, minha pesquisa tomou outro rumo: agora para um *mar revolto*.

1. A busca de uma definição

Os autores cujos trabalhos são produzidos com um enfoque na história oral assumem, na sua maioria, uma metodologia de pesquisa que ultrapassa uma concepção somente de técnica. Nessas produções, as entrevistas não são complemento mas o cerne em torno do qual giram os desdobramentos historiográficos.

A história oral começou com um gravador; sua base é o depoimento gravado. O marco de criação deste método manifestou-se nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, precisamente no ano de 1948, com as gravações do professor Allan Nevis, sobre as histórias de vida de norte-americanos famosos. Ele oficializou o termo *The Oral History Project*, na Universidade de Colúmbia, em Nova York.

Embora a máquina seja útil, o essencial é a participação direta, o contato pessoal. Estes contatos devem propiciar um clima favorável à gravação dos

depoimentos. Além disso, o entrevistador deve estar atento a todas as expressões, pois a comunicação se processa sob as mais diversas formas: olhares, gestos, entonações de voz, pausas na narrativa.

A história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos (Meihy, 2000:25). É também um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas das experiências humanas (Freitas, 2002:18). A história oral possibilita, assim, a elaboração de uma versão do tempo vivido no presente. Ele fornece um documento diferente, vivo, onde os sujeitos reconstróem o passado recente. Ao aproximarem-se do cotidiano, do homem comum, os oralistas valorizam o indivíduo como sujeito histórico. Para Freitas (2002) essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que, de outra forma, não se fariam ouvir.

A história acadêmica e científica e, por isso mesmo, a oficial, fazia-se quase exclusivamente com base nos documentos escritos. Só na escrita havia validade e confiança. Por isso, o método da história oral, foi duramente criticado por aqueles que julgavam as fontes orais “distorcidas” ou mesmo “falsas”. No entanto, a *história* não traduz toda a realidade, mas uma versão, ou seja, uma faceta daquela. Os resultados encontrados pelos pesquisadores, por intermédio tanto dos documentos escritos quanto dos orais, são apenas versões aproximadas. Embora não apreendendo os fatos na sua inteireza, a história oral não renuncia ao esforço de aperfeiçoá-los.

Na exposição de Verena Alberti (CPDOC-FGV) apresentada no *IV Encontro de história oral do Nordeste*, em Campina Grande, de 23 a 26 de setembro, do corrente ano, a palestrante discorreu sobre a semelhança da história oral com a hermenêutica através da idéia do círculo hermenêutico, do “compreender é tornar a vivenciar”. Ela define compreender como a arte de reconstruir o outrem, ou seja, o *eu* no *tu*. Na metodologia da história oral é necessário o pesquisador saber ouvir, decifrar as expressões do outro como também o seu silêncio. Para isso o pesquisador, deve desenvolver certas qualidades como ser simpático, empático, criativo e desenvolver um bom relacionamento.

2. Uma novidade: a subjetividade.

As pesquisas que utilizam a história oral como metodologia caracterizam-se pela questão da subjetividade. Isso é facilmente percebido quando o indivíduo faz o resgate das experiências por ele vividas.

Freitas (2002) lembra que a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. O essencial em história oral é saber o que foi omitido pelo entrevistado e qual o significado dessa omissão. Muitas vezes os “erros” detectados pelo entrevistador revelam mais dados que o relato exato.

A credibilidade da fonte oral não deve ser avaliada por aquilo que o testemunho oral pode freqüentemente esconder; por sua inexactidão para com os fatos, mas na divergência deles, onde imaginação e simbolismo estão presentes.(FREITAS, 2002:73)

A centralização na subjetividade da experiência humana é fundamental na história oral. Ainda segundo Freitas, a subjetividade é de fato a única força da história oral, pois aquilo que o depoente acredita é, para ele, mais importante do que aquilo que realmente aconteceu. Nessa mesma perspectiva, Thompson (2000) conclui que a não confiabilidade da memória do depoente pode ser recurso, em vez de um problema para a interpretação e a reconstrução histórica. Bosi (2003) nos convida a interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Como pesquisadores precisamos decifrar o esquecido ou o não dito.

Para Meihy (2000), a história oral rompe com a posição tradicional de considerar o depoente como informante ao denominá-lo *colaborador*. A razão do trabalho do oralista é a fala do entrevistado: quanto menos o pesquisador aparecer, melhor será o resultado. Respeita-se ao máximo a voz dos colaboradores.

A história oral apresenta uma diferença fundamental, crucial: ela é participativa. O diálogo entre entrevistador e o entrevistado constitui um documento de natureza interativa. A pluralidade de versões pode gerar um rico diálogo. O entrevistado não é mais “objeto de estudo”, “informante”. Ele passa a ser *colaborador* (esse termo modifica o relacionamento de ambos, inclusive a produção, pois ele tem poder de veto). No processo da entrevista, existe a confrontação entre entrevistador e entrevistado. Esses sujeitos em diálogo sofrem transformações concomitantes.

Mercedes Vilanova (1994:79) diferencia conhecimento de ciência. Conhecimento não se confunde e não coincide necessariamente com a ciência, uma vez que essa é uma das formas possíveis de conhecimento. Partindo do princípio de que os conhecimentos são diferentes, o oralista trabalha com a diferença sem possuir uma postura discriminatória, propiciando, assim, o *diálogo*, condição necessária para a realização da história oral.

3. Alcance

Jucá (2003) destaca o valor dos depoimentos para a compreensão de qualquer temática e para a superação dos limites da individualidade, ao passo que ela pode conduzir a um mundo social por intermédio da associação presente entre o individual e o coletivo. As histórias pessoais ganham alcance social pelo fato de cada pessoa se inserir nos grupos mais amplos. As versões individuais sobre cada fenômeno, são a grande preocupação da história oral, porque elas caracterizam a experiência em conjunto.

A história oral, através dos seus procedimentos, ultrapassa os limites presentes na documentação tradicional ao focalizar os depoimentos como ponto central das análises. Essa metodologia cria um espaço de contato, cuja análise destaca a visão e versão que emana do interior da experiência dos depoentes e não apenas dos documentos escritos.

As culturas orais primárias ignoravam completamente a escrita, seus membros aprendiam pela prática, seus pensamentos apoiavam-se na comunicação. Assim os relatos orais eram responsáveis pela transmissão das experiências sociais, como também pela divulgação do conhecimento adquirido (ONG, 1998). Hoje, a história oral cria espaços, preferencialmente, para incluir os relatos orais e versões mantidos por segmentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos ou simplesmente desprezados. Ela socializa essas vozes.

Cito alguns textos, com trabalhos temáticos, que sensibilizaram-me e demonstraram-me claramente os alcances da história oral. São eles: *Braços da resistência uma história oral da imigração espanhola*, de André Gattaz, que apresenta uma história inédita, não documentada, da história dos imigrantes espanhóis antifranquistas em São Paulo (nos relatos são comuns as descrições sobre violência e miséria no regime de Franco, os graus de adaptação e integração alcançados no Brasil e a atuação clandestina do Partido Comunista Espanhol em São Paulo); *Decifra-me ou devoro-te... história de vida dos meninos de rua de Salvador*, de Yara D. B. de Ataíde, que torna pública a voz dos chamados “meninos de rua” (a própria autora, na estruturação do roteiro de trabalho, escuta e utiliza as sugestões dos meninos. Ela capta, com nitidez, através da modalidade da “história de vida”, a realidade cotidiana desses adolescentes.); na mesma metodologia, Ataíde produz o *Clamor do presente: história oral de famílias em busca da cidadania*, que versa sobre os dramas relatados pelas famílias que vivem nas ruas de Salvador (parecem ficção, mas instigam o meio acadêmico a voltar o olhar para as necessidades de uma grande parcela da sociedade e ao serviço coletivo.).

4. Reflexão.

O que atrai na história oral é o fascínio que liga o pesquisador a uma história viva, recente, e a uma identificação ou compreensão, por parte de um grande grupo da sociedade, com o texto produzido. A reconstrução das ações humanas em um tempo recente é tarefa desafiadora e ao mesmo tempo irresistível.

A história oral é imprescindível para grupos que não documentaram seu movimento. Ong (1998) nos revela dados intrigantes: das quase três mil línguas faladas hoje, apenas 78 têm literatura. Ainda hoje, centenas de línguas ativas nunca foram escritas. Sem contar com o analfabetismo na cultura escrita. Segundo Vilanova (1994:157) no Brasil há 50% de analfabetos, mas nos Estados Unidos existem 30% de analfabetos funcionais. O mundo estaria caindo no analfabetismo.

A história oral, como opção metodológica aprofunda o conhecimento da realidade por intermédio das opiniões de pessoas simples, uma vez que não sabem escrever. A pobreza e o analfabetismo têm elevados índices também no contexto estadual. O Ceará, segundo Estado mais pobre do Nordeste e o quarto mais pobre do Brasil, em números absolutos. São 3,7 milhões de pessoas ou 54,69% de sua população sobrevivendo com até US\$ 1 por dia (menos de R\$ 60,00 por mês). José Lemos, professor da UFC, em entrevista ao *Diário do Nordeste*, de 25/06/2000, após estudar os dados do PNAD, concluiu que no Ceará 28,74% da população é analfabeta ou frequentou apenas um ano escolar.

Numa pesquisa realizada por mim na ocupação Nossa Senhora da Penha, Fortaleza, observou-se um baixo nível de instrução dos chefes dos domicílios (GONÇALVES: 2001). Constatamos que 48,5% dos chefes de família investigados não possuem sequer o primeiro grau completo, 11,7% são analfabetos e 10,9% são alfabetizados. Constitui uma minoria de 7,8% o percentual de chefes que possuem o segundo grau completo. O nível de educação escolar indica percentuais altamente significativos e preocupantes, sinalizando quão baixo é o grau de escolaridade dos chefes dos domicílios.

Muitas vezes, o pesquisador, imerso na cultura escrita, encontra dificuldade em compreender um universo oral da comunicação ou do pensamento. No entanto, torna-se urgente superar os preconceitos e abrir novos caminhos para o conhecimento e a compreensão desse universo oral. Aposto que a história oral será muito útil nesse caminho.

Key words:
Oral History; Method;
Subjectivity.

ABSTRACT: Works using oral sources have increased in Brazil, particularly in the academical community. However, there is a lack of precision regarding the methodology used in oral history. This article is a knowledge construction about the oral history method, reach and innovation. After reading texts and changing experiences, oral history arises as a way to the alteration between the interviewer and the interviewed relations, introducing a very rich history told by the collaborators, common people, now seen as history actor. Both scholar and collaborator's transformations are inevitable.

Bibliografia

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira. *Decifra-me ou devoro-te: história de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. *Clamor do presente: história oral de famílias em busca da cidadania*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

GATTAZ, André. *Braços da resistência uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. *Ocupações Urbanas: alternativa de moradia*. Trabalho de Conclusão de Curso – UECE. Fortaleza: 2001.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O alcance da oralidade como opção metodológica. In: VASCONCELOS, J. G.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G. *Linguagens da história*. Fortaleza: Imprece, 2003.

_____. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

THOMPSON, Alistair. Aos cinqüentas anos; perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org). *História oral: desafios para século XXI*. Rio de janeiro: Fiocruz/Casa O> Cruz/CPDOC-FGV, 2000.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, Marieta Moraes (org). *História oral*. CPDOC Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.